



REPRESENTATIVIDADE NEGRA EM LITERATURA INFANTIL: EXPERIÊNCIA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA EM BIBLIOTECA COMUNITÁRIA NA PERIFERIA DE OLINDA

Maria Jaciara dos Santos Silva ¹
Graziella Moura da Silva ²

RESUMO

O presente trabalho relata uma experiência de contação de história na biblioteca comunitária Multicultural Nascadouro. A referida experiência foi fruto de um curso de extensão “Interseccionalidade, Feminismos e Decolonialidade: tramas e urdiduras”, oferecido pelo GEPCOL/UFPE. No meio de tantas produções realizada no curso, o foco principal dessa experiência foi a contação do livro “Espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita que eu?”. O objetivo desse relato de experiência foi observar como as crianças recebem as histórias e enxergam os personagens negros, introduzindo o debate acerca do racismo com o público infantil. As primeiras representações de personagens negros foram em torno do início do séc. XX pós-abolição da escravidão no Brasil, às representações realizadas, no entanto, eram sempre ligadas com as suas trajetórias de dor e sofrimento com sua imagem estereotipada e estigmatizada, imagem esta construída por uma perspectiva eurocêntrica e enviesada por uma lógica racista. A metodologia abordada para contar as histórias foi utilizar os mediadores da própria biblioteca para ler a narrativa e recepcionar os estudantes. Onde posteriormente foi realizado um diálogo com as crianças sobre a história com as escritoras. A contação tratava da história de uma menina negra que não gosta de sua aparência, e por isso não se sente confortável para participar de um concurso de beleza. Esta narrativa foi escrita pelas participantes do curso de extensão como contrapondo aos contos de fadas amplamente narrados que impõem um padrão de beleza universal da branquitude.

Palavras-chave: Representatividade, Literatura, Biblioteca, Infantil, Negro.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata a experiência de contação de história em uma biblioteca comunitária localizada na periferia de Olinda, a Biblioteca Multicultural Nascadouro de Peixinhos. Esta experiência foi fruto do curso de extensão “Interseccionalidade, Feminismos e Decolonialidade: tramas e urdiduras”, oferecido

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Pernambuco - UFPE, jaciasantos450@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, gr.azimds19@gmail.com;



pelo GEPCOL - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas, no qual houve uma produção literária destinada ao público infantil. Neste sentido, este material tem como objetivo servir de apoio para educadores(as) populares, professoras(es) e estudantes de escolas públicas do estado de Pernambuco na abordagem das perspectivas de interseccionalidade, decolonialidade e feminismos, apresentando uma linguagem que sejam acessíveis ao público infanto-juvenil. Dessa forma, possibilitar que tais agentes da educação possam trabalhar esses conteúdos em sala de aula, bibliotecas comunitárias e demais espaços educacionais. Para tanto, apontamos e abordamos como metodologia a contação de história como caminho possível para atingir tais fins. Na nossa experiência realizamos contação de história com estudantes do 3º ano do ensino Fundamental da Escola Municipal Monteiro Lobato, observando a partir do diálogo com as narrativas como as crianças retratam a questão da beleza e representações dos personagens de negros (as).

METODOLOGIA

Para atingirmos o objetivo proposto selecionamos histórias que abordam personagens negros (as) e a partir da contação da narrativas abordadas levantamos questões das perspectivas de interseccionalidade, decolonialidade e feminismos. A contação de história ocorreu na Biblioteca Multicultural Nascledouro, local onde recebemos os estudantes do 3º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Monteiro Lobato. No encontro, selecionamos para estes estudantes a história “Espelho, espelho meu, existe alguém mais belo que eu? Esta narrativa foi escrita pelas participantes do curso de extensão como contrapondo as contos de fadas amplamente narrados que impõem um padrão de beleza universal da branquitude. Nesta versão o conto expõe o drama de uma menina negra que não gosta de sua aparência, e por isso não se sente confortável para participar de um concurso de beleza.

Para trabalharmos a narrativa, dividimos a dinâmica da contação em sete momentos. No primeiro momento, os responsáveis pela mediação receberam as crianças afetuosamente, buscando deixá-las à vontade no espaço que haviam pensado e preparado anteriormente. No segundo momento, após a recepção, todos(as) ficaram em



círculo em pé e o mediador cantou a “canção do cajueiro”, que já era conhecida pelas crianças, porque tinha feito parte de outro projeto vivenciado por eles(as) durante o ano.

No terceiro momento, foi realizado a leitura compartilhada que todos(as) foram convidados(as) a sentar em círculo para ouvir a leitura da obra. O mediador, realizou a leitura, mostrando as ilustrações do livro para as crianças acompanharem. No quarto momento, realizamos o experimento do espelho onde as crianças, professor, mediador e escritoras receberam um pequeno espelho de mão para que pudessem se olhar. Todos(as) foram orientados(as) a observar seu rosto durante um tempo e depois falarem para o grupo o que viram.

No quinto momento, ocorreu o diálogo do experimento do espelho que se transformou em um debate sobre o livro e os padrões de beleza que são estabelecidos pela sociedade. No sexto momento, as autoras revelam e falam sobre si e sobre a obra. No último momento, as crianças foram orientadas a se apresentarem num desenho e colocá-lo dentro de um livro do acervo. Através do desenho um(a) possível leitor(a) do livro que elas escolheram podem conhecer um pouco de cada um(a).

REFERENCIAL TEÓRICO

Durante o final do século XIX, devido ao período escravocrata e às teorias racialistas, instaurou-se na sociedade brasileira o imaginário que categoriza a população negra como inferior, no campo social, cultural e psíquico, sendo este tipo de discurso reproduzido e reforçado por duas correntes de pensamentos transplantadas da Europa: o Darwinismo Social e o Positivismo. Conforme aponta Schwarcz (1993), os pressupostos de tais correntes não se limitavam ao ambiente científico e acadêmico, mas se expandiram para o pensamento social brasileiro.

O campo literário de determinada época, como estava inserido neste tempo-espço ou contexto social, inevitavelmente refletia em suas obras o imaginário social brasileiro; os(as) negros(as) que eram inferiorizados(as) dentro de uma escala ou hierarquia social, ”foram por muito tempo excluídos das páginas dos livros”(FARIAS, 2018, p. 19).

Através do levantamento bibliográfico de textos produzidos pelas autoras Farias (2018), Castilho (2004) e Gouvêa (2005) – pesquisadoras que estudam a representação



do negro no campo literário – é possível afirmar que os(as) personagens passaram por fases dentro desta área, indo da ausência e inferiorização à valorização. Sob este aspecto, a representação do(a) negro(a) dentro deste grande campo está estreitamente relacionado com as relações sociais, com seu imaginário e com suas transformações, como veremos a seguir.

Em decorrência da falta de reconhecimento e da desvalorização na sociedade, os(as) personagens negros(as) eram quase inexistentes em obras literárias. Contudo, após um determinado tempo, quando estes(as) personagens começaram a aparecer, era na presença de pretos e pretas velhas, onde “estes eram, na grande maioria, coadjuvantes e estavam geralmente na posição de empregados, o que remete ao recente passado escravocrata” (FARIAS, 2018, p. 20).

Os(as) personagens negros(as) em sua juventude dificilmente apareciam dentro das histórias, pois havia um grande estereótipo que cercava este grupo, o qual era apenas percebido como “perigoso, ladrão, mendigo, um reflexo do jovem negro na sociedade urbana pós abolicionismo” (Idem, p. 22).

O aspecto marcante nestes(as) personagens era a representação de seus traços negróides acompanhados de um grande exagero e estigmas, com “descrições de feiura e bestialidade” (CASTILHO, 2004, p. 106). De acordo com Kilomba (2010), o negro se tornou a representação mental daquilo com que o sujeito branco não quer se parecer; a representação do negro não corresponde de fato com a realidade, mas sim com as fantasias brancas sobre o que a negritude deveria ser.

Podemos notar que os(as) personagens negros(as) não eram protagonistas ou possuíam papel de destaque dentro das narrativas, estavam presentes apenas como coadjuvantes e possuíam “nomes que limitavam a reforçar a cor da sua pele, como: negrinho, negrinha, o preto, a pretinha, entre outros” (GOUVÊA, 2005, p. 79), os quais reduziam a pessoa negra à cor de sua pele e aos estereótipos atribuídos a este segmento da sociedade.

Essa análise é importante para apontar a ausência de fala desses(as) personagens, refletindo as relações de poder que atravessam o contexto social. Assim, Kilomba (2010) afirma que:

A boca torna-se o órgão muito especial, ela simboliza a fala e enunciação. No âmbito do racismo a boca torna-se o órgão da opressão por excelência, ela representa o órgão que os(as) brancos(as)



querem – e precisam – controlar e, conseqüentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente repreendido. (p. 172)

O silenciamento que a população negra é relegada é notável, tanto na esfera social quanto no campo literário. Esta realidade apenas reflete a violência dos processos de silenciamento que a população negra foi e é submetida, logo percebemos a necessidade de se “interromper com o regime da autorização discursiva”(RIBEIRO, 2017, p. 55-56), dentro de uma lógica de poder discursiva que autoriza quem pode e quem não pode falar – discurso no sentido foucaultiano.

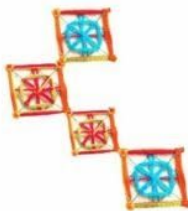
O discurso racista foi constituído no meio social e assim refletido no campo literário, entendendo aqui discurso não “como amontoado de palavras ou concatenação de frases que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura determinado imaginário social” (Idem, p. 56), e ainda complementando, para melhor compreensão, o discurso se constitui “como práticas que formam sistematicamente os objetos que falam” (FOUCAULT, 1987, p. 56).

A representação do negro dentro desta área ganhou uma nova roupagem a partir dos anos 80, pois como afirma Castilho (2004) este movimento se deu com “resultados de pesquisas, estudos, propostas no campo acadêmico e literário somadas a movimentos a favor da não-discriminação” (p. 110), os quais visavam a reconstrução da imagem do(a) negro(a) no campo literário e na esfera social.

Desde lá há um esforço de autores(as) negros(as) para desconstruir estereótipos negativos presentes em literaturas infanto-juvenis, buscando trazer a questão da representatividade para crianças negras, assim valorizando as suas tradições e contribuindo para a formação da identidade negra na infância.

Uma “Reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito de ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida” (RIBEIRO, 2017, p. 43). As mulheres negras, por sua vez, estão conquistando seu espaço no campo literário, em seu papel de escritoras, reivindicando a própria existência por meio da literatura, dedicando-se a escrever livros infanto-juvenis que apresentam personagens negros e negras como protagonistas, construindo uma nova narrativa – ou imagem – sobre o que é ser negro(a) a partir de suas experiências e vivências enquanto pessoas negras.

A representação do(a) negro(a) dentro do campo literário, como vimos anteriormente, foi deturpada e associada a uma inferioridade estética, cultural e



intelectual. Tal imagem foi construída pelo colonizador, posto que ele nos definia; era o outro falando sobre nós a partir de uma lente racista. Outrossim, há uma grande importância de nós, negros(as), autodefinirmo-nos. Os(as) escritores(as) negro(as) possuem também um papel político na luta antirracista, pois atuam na intenção de reconstruir uma representação do(a) negro(a) que condiz com a realidade.

Entendendo que essa representação possui grandes contribuições para o campo social, psíquico e cultural do(a) negro(a), do ponto de vista educativo, Suely Dulce Castilho, afirma que:

Esse processo de discriminação pode estar comprometendo tanto a formação da criança negra quanto da branca. Para criança branca, essas obras literárias podem reforçar a ideologia de superioridade e supremacia de sua “raça”, por outro lado, pode subestimar estigmatizar e em muitos casos fragmentar a auto-estima da criança negra. (CASTILHO, 2004b, p. 109)

A ausência de pessoas negras nas histórias infantis acaba acarretando sérias consequências no imaginário infantil. Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos, conforme propõe Ribeiro (2017, p. 35). Desse modo, o olhar dos(as) autores(as) negros(as), demonstra, que a população negra ocupa um lugar, pois “Patrícia Hill Collins fala da importância das mulheres negras fazerem um uso criativo do lugar de marginalidade que ocupam na sociedade a fim de desenvolverem teorias e pensamentos que refletem diferentes olhares e perspectivas” (Idem, p. 45).

A literatura infanto-juvenil é importante para romper com a visão estereotipada, deturpada e preconceituosa sobre as pessoas negras, perspectiva esta que contribui para sustentação de uma ordem social desigual. “Audre Lorde nos instiga a pensar na necessidade de reconhecermos nossas diferenças e não mais vê-las como algo negativo. O problema seria quando as diferenças significam desigualdades (Idem, p. 51). Por isso, há a necessidade da representação do(a) negro(a) nas histórias infantis como forma de valorizar principalmente tradições e aspectos físicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A biblioteca Multicultural Nascedouro de Peixinhos em Olinda-PE recebeu os(as) estudantes do 3º ano da Escola Municipal Monteiro Lobato, juntamente com a



professora e uma bibliotecária do estado do Paraná, que veio observar o funcionamento das bibliotecas comunitárias no estado de Pernambuco.

O mediador da biblioteca fez a recepção e iniciou a dinâmica de abertura com a “canção do cajueiro”, em que todos(as) os(as) estudantes ficaram empolgados(as) cantando, pelo fato de já conhecerem a canção, devido a outro projeto desenvolvido com a escola na biblioteca.

O mediador realizou a leitura do livro, apresentando as ilustrações para que as crianças acompanhassem melhor a história. Elas ficaram atentas e escutando a história com interesse, interrompendo algumas vezes para fazer perguntas relacionadas às personagens, afirmando que as personagens são parecidas com as autoras, que ainda não tinham sido identificadas.

A experiência do espelho foi proposta com o intuito de que as crianças tivessem uma experiência consigo mesmas, e, de uma outra forma, parte do sentido presente no enredo do livro mediado. Isso para posteriormente desdobrar essa vivência singular de cada um(a) em uma reflexão que pudesse ser aprofundada de modo menos particularizado e correlacionado com texto do livro. Cada um(a) que estava presente (crianças, escritoras, professoras e mediadores) recebeu um pequeno espelho de mão para que pudesse se olhar.

As crianças foram orientadas a observarem o seu próprio rosto durante algum tempo e depois falarem para o grupo o que viam. Os relatos inicialmente foram bem impessoais como: “vejo dois olhos, uma boca, um nariz, etc”. Mas o mediador fez provocações e as crianças foram trazendo respostas que iriam além do espelho, mostrando que tinham traços físicos parecidos com as de seus familiares como pai, mãe, tio, irmã, entre outros(as).

O diálogo sobre o experimento do espelho transformou-se num debate sobre o livro, os padrões de beleza e as questões de gênero associadas. Quando a pergunta sobre quais das garotas no começo da história mostraram receio em participar do concurso de beleza, algumas crianças imediatamente responderam que foi a Kayllane.

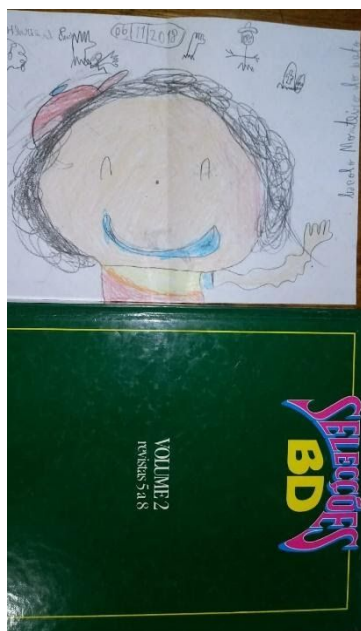
Indagados(as) sobre o motivo da insegurança de Kayllane, eles(as) responderam que isso se devia a sua cor, seu cabelo. Explorando essa percepção das crianças sobre o fato textual da recusa de Kayllane, foi possível perceber que elas conseguem identificar as causas da insegurança da personagem negra, mas não tem consciência porque isso



acontece. A questão do reconhecimento, apesar da maioria das crianças terem fenótipo da população negra, a maioria não se reconheceu como tal, justificando que a cor da pele deles(as) não é tão escura.

As autoras se identificaram e as crianças ficaram espantadas, querendo sentar perto das autoras, falando sobre si e sobre a obra. Por fim, devido ao tempo, passamos logo para atividade final. As crianças se retrataram num desenho e o colocaram dentro de um livro do acervo para que dessem a conhecer um pouco de si, através do desenho, para um(a) possível leitor(a) do livro que elas escolheram. Alguns(maas) mostraram resistência, dizendo que não sabiam desenhar, uns(mas) dos aceitaram e realizaram a atividade.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os(as) personagens negros(as) foram durante muito tempo invisibilizados(as) das literaturas infanto-juvenis, mas quando se tornaram presentes os(as) primeiros(as) personagens eram associados(as) a estereótipos e situações de inferiorização. Infelizmente, na atualidade, algumas produções literárias ainda limitam os(as) personagens negros(as) dentro desta lógica racista, mas, como autora negra, procuro construir outras narrativas, desconstruindo e reconstruindo nossas próprias histórias. Durante muito tempo fomos esquecidas(os) das páginas dos livros; a ausência, o silenciamento e a inferiorização tem um impacto negativo na vida de crianças negras, no



âmbito social, cultural e psíquico, em outro movimento na literatura, no qual as crianças negras sintam-se representadas ao ler o livro e comecem a olhar o mundo com uma visão crítica. Ler histórias para crianças e com as crianças, além de propiciar um momento de deleite, possibilita a transmissão da reflexão acerca de valores e normas de convívio entre as pessoas, principalmente quando essa leitura é compartilhada com a mediação de um(a) adulto(a) sensível às questões tratadas na obra. Desse modo, a escrita de obra que tratem das temáticas raciais e de gênero, a partir de um outro ponto de vista, pode se tornar um instrumento relevante para discutir-se entre os(as) educadores(as) sociais, professores(as), estudantes e familiares sobre as questões de empoderamento feminino, gênero e relações étnico-raciais.

AGRADECIMENTOS (Opcional)

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Suely Dulce de. A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1. p. 103-113, 2004.

FARIAS, Jessica Oliveira. A Representação do negro na Literatura Brasileira. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 17-32, jan/jun. 2018.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

GOMES, Nilma Lima. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo com símbolos da identidade negra**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 121-166.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005.

KILOMBA, Grada. “The mask”. In: _____. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. 2. ed.. Münster: Unrast Verlag, 2010.

SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: 1993.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a Discriminação do Negro no Livro Didático**. Salvador: EDUFBA, 2010.